



***Capaz* como marcador negativo enfático no dialeto gaúcho¹**

“Capaz” as a Negative Emphatic Marker in Gaucho Dialect

Rerisson Cavalcante

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia / Brasil

rerissonaraujo@yahoo.com.br

Leonor Simioni

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Jaguarão, Rio Grande do Sul / Brasil

simionileonor@gmail.com

Resumo: Este trabalho descreve propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas de sentenças que contam com o item *capaz* sendo utilizado com o valor de marcador negativo no dialeto gaúcho do português brasileiro (PB), em que este item expressa uma rejeição forte a um conteúdo proposicional prévio. O artigo também compara o comportamento de *capaz* com outros marcadores negativos não-neutros (dos tipos anafórico, enfático e metalinguístico) do português quanto à possibilidade de concordância negativa e à distribuição por tipos sentenciais distintos. E apresenta uma proposta de derivação sintática, com base no arcabouço da gramática gerativa, para as sentenças com esse item, assumindo que se trata de uma estrutura mono-oracional, em que *capaz* é gerado em uma posição de especificador na periferia esquerda da sentença, onde pode sofrer modificação adverbial; a cópula que opcionalmente o acompanha funciona com uma categoria funcional do sistema CP (e não como o núcleo de um VP).

Palavras-chave: negação enfática; português brasileiro; dialeto gaúcho; sintaxe.

Abstract: This paper describes the syntactic, semantic and pragmatic properties of sentences with *capaz* as a negative marker in the Gaúcho dialect of Brazilian Portuguese, expressing a strong rejection to a previously uttered propositional content. The paper also compares the behavior of *capaz* with that of other non-neuter negative markers

¹ Uma versão prévia deste trabalho foi apresentada no III Encontro Internacional de Sintaxe, Semântica e Interfaces, na Universidade Federal de Santa Catarina, em junho de 2018.

in Portuguese (anaphoric, emphatic and metalinguistic) with regard to the possibility of negative concord and the distribution across different sentential types. It proposes a syntactic derivation for sentences with negative *capaz* within the framework of generative grammar, assuming a monoclausal structure in which *capaz* is generated in a specifier position in the left periphery, where it can be modified by adverbs. The copula that optionally accompanies *capaz* is assumed to be a functional category in the CP system rather than a VP nucleus.

Keywords: emphatic negation; Brazilian Portuguese; Gaúcho dialect; syntax.

Recebido em 10 de setembro de 2018

Aceito em 10 de dezembro de 2018

1 Introdução

Em português, o item *capaz* funciona como um adjetivo simples, expressando habilidade, possibilidade ou probabilidade, como em (1) e (2).

- (1) O João é *capaz* de fazer esse serviço.
- (2) É *capaz* de o/do João fazer isso.

Entretanto, no dialeto gaúcho do português brasileiro (PBG), além destes usos anteriores, *capaz* também se comporta como um elemento negativo, expressando um significado similar à expressão *de jeito nenhum*, como em (3) e (4).²

- (3) *Capaz* que eu vou na festa da Maria!
(‘De jeito nenhum, eu vou na festa da Maria’)
- (4) É bem *capaz* que o João vai fazer esse serviço!
(‘De jeito nenhum, o João vai fazer esse serviço’)

Esse tipo de uso também pode ser identificado em regiões próximas ao estado do Rio Grande do Sul, mas, até onde vai o nosso

² Exceto quando indicado, os dados analisados são dados de intuição, submetidos ao julgamento de falantes nativos (inclusive da coautora do trabalho, que é falante nativa de PBG).

conhecimento, está completamente ausente em outros dialetos do português brasileiro ou europeu, nos quais uma sentença como (4) só pode ter um sentido afirmativo semelhante a (1) e (2).

Neste trabalho, descreveremos o comportamento de *capaz* como marcador negativo no PBG. Mostraremos que *capaz* possui propriedades comuns aos marcadores de negação anafórica (no sentido de CAVALCANTE, 2012a), aos de negação metalinguística (no sentido de MARTINS, 2010, e de PINTO, 2010) e aos de negação enfática (CAVALCANTE, 2012b; Di TULLIO, 2008), por ocorrer apenas em contextos de réplica a um elemento contextual. Outras propriedades sintáticas e semânticas, entretanto, mostram que o *capaz* pode ser mais bem analisado como um item de negação enfática, codificando uma forte rejeição a um conteúdo proposicional, diferindo assim dos marcadores puramente anafóricos e dos metalinguísticos.

O texto está dividido da seguinte forma: a seção 2 descreve as principais propriedades sintáticas e semânticas do *capaz* negativo, comparando o seu comportamento com o do *capaz* não-negativo; a seção 3 trata de outros itens negativos do português (brasileiro e europeu) que possuem valores discursivos semelhantes, comparando suas propriedades sintáticas com as do *capaz* gaúcho para verificar em que tipo de marcador negativo *capaz* se encaixa; a seção 4 apresenta a análise sintática adotada para as sentenças com o *capaz* negativo; e a seção 5 conclui o artigo.

2 As propriedades do *capaz* negativo gaúcho

Nessa seção, apresentamos as principais características sintáticas e semânticas do *capaz* negativo gaúcho.

2.1 Negação neutra x negação enfática

O *capaz* negativo nunca ocorre como uma simples negação neutra, meramente descritiva, mas marca um tipo de rejeição forte a um conteúdo proposicional previamente introduzido no discurso ou inferível na situação comunicativa, como em (5) e (6).³ O exemplo (7) mostra que o *capaz* em contextos *out of the blue* não recebe interpretação negativa:

³ Em geral, *capaz* recebe acento marcado; quando acompanhado por *bem*, como em (6), o acento pode recair sobre este último.

- (5) A: Tu sabia que o Rib's fechou?
 B: Capaz!
 ('Eu não acredito que o Rib's fechou')
- (6) A: Com essa gripe, acho melhor tu ficar em casa hoje.
 B: Mas bem capaz!
 ('De jeito nenhum eu vou ficar em casa hoje')
- (7) Capaz que eu vou ficar em casa hoje!
 (Na ausência de contexto prévio: 'Eu provavelmente vou ficar em casa hoje' / #'Eu não vou ficar em casa hoje')⁴

2.2 Variações: a cópula, o advérbio *bem* e o complementizador *que*

O *capaz* negativo pode ocorrer em posição isolada, como um fragmento de resposta, como em (5), ou introduzindo uma sentença desenvolvida, como em (3) e (4). Nos dois casos, *capaz* aparece frequentemente acompanhado pelo advérbio *bem*, como em (4) e (6). Nos usos sentenciais, também pode vir acompanhado pela cópula *é* e pelo complementizador *que*. A coocorrência de *é*, *bem* e *que* em sentenças segue as seguintes linhas gerais:

- (i) os três itens podem ocorrer simultaneamente com *capaz* (cf. (8)).
- (ii) *bem* e *que* podem coocorrer sem a presença da cópula (cf. (9)).
- (iii) *que* pode ocorrer sem a cópula e sem o advérbio (cf. (10)).
- (iv) mas *que* nunca pode ser omitido quando em sentenças (cf. (11)).
- (v) a cópula pode aparecer sem o advérbio *bem* (cf. (12)), mas a sentença soa melhor quando ambos estão presentes.
- (vi) a cópula e *que* nunca aparecem em fragmentos não-oracionais (cf. (5) e (6)).

⁴ Um parecerista anônimo afirma que aceita a interpretação negativa mesmo na ausência de um contexto sem um conteúdo proposicional previamente ativado. No entanto, reconhece que há uma entonação distinta no uso afirmativo e no negativo. Consideramos que isso se trata de um fenômeno de *acomodação pragmática* em um sentido semelhante ao Lewis (1979). Um interlocutor qualquer, ao ouvir uma frase como essa em uma situação em que lhe pareça fora de contexto, não trata como informação nova o conteúdo que ela veicula, mas como se tal conteúdo tivesse sido previamente enunciado.

- (8) *É bem capaz que* eu vou na festa da Maria!
- (9) *Bem capaz que* eu vou na festa da Maria!
- (10) *Capaz que* eu vou na festa da Maria!
- (11) *Capaz *(que)* eu vou na festa da Maria!
- (12) *É capaz que* eu vou na festa da Maria!

Os padrões possíveis estão sintetizados no Quadro 1 a seguir:

QUADRO 1 – Padrões de combinação de *capaz*, *é*, *bem* e *que* em sentenças e fragmentos

Padrões	Status
<i>é bem capaz que</i> [S]	Ok
<i>é capaz que</i> [S]	marginal
<i>bem capaz que</i> [S]	Ok
<i>capaz que</i> [S]	Ok
<i>é bem capaz</i> [S]	*
<i>é capaz</i> [S]	*
<i>capaz!</i>	Ok
<i>bem capaz!</i>	Ok
<i>bem capaz que!</i>	*
<i>é bem capaz que!</i>	*
<i>é bem capaz!</i>	*

Quando *é* e *bem* estão presentes na sentença, devem aparecer em adjacência estrita um ao outro, bem como em adjacência a *capaz*. Nenhum elemento pode ser inserido entre *é* e *bem* ou entre *bem* e *capaz*, como mostram (13) e (14).

- (13) **É mesmo/de fato bem capaz que* a Ana vai casar com esse cara!
- (14) **É bem mesmo/de fato capaz que* a Ana vai casar com esse cara!

Por outro lado, a adjacência entre *capaz* e o complementador pode ser quebrada, ao menos por um item como *mesmo*, como em (15):

(15) É bem capaz *mesmo* que eu vou votar de novo nesse candidato.

Por fim, as construções com *capaz* podem ser antecedidas pelo item *mas*, seja em fragmentos de resposta ou em sentenças desenvolvidas, como mostram (16) e (17), o que confirma a ideia de que tais estruturas marcam um tipo de oposição ou contra-expectativa ao que foi dito previamente (cf. BASSI; GÖRSKI, 2014).

(16) A: Será que a gente sai com essa chuva?

B: *Mas* (bem) capaz! Vamos ficar em casa.

(17) A: Tu comprou o livro do Everett?

B: Ah, *mas* (é) (bem) capaz que eu vou gastar dinheiro com isso!

2.3 Posição e distribuição sintática

Mesmo com essa variação quanto à presença de *é*, *bem* e *que*, o item *capaz* mantém uma posição fixa em relação à sentença em que ocorre. Sempre aparece em uma posição da periferia esquerda da sentença. Nunca aparece em posição medial ou final em relação aos constituintes principais (verbo e argumentos), independentemente da coocorrência de *que* em adjacência ao *capaz* ou em posição pré-sentencial, como mostram os exemplos em (18b-h).

(18) a. *Capaz* que o João casou!

b. #O João (*bem*) *capaz* (*que*) casou!

c. #(Que) o João (*bem*) *capaz* casou!

d. #O João (*bem*) *capaz* (*que*) casou!

e. #O João casou (*bem*) *capaz* (*que*)!

f. #O Pedro (*bem*) *capaz* (*que*) comprou aquele carro!

g. #O Pedro comprou (*bem*) *capaz* (*que*) aquele carro!

h. #O Pedro comprou aquele carro (*bem*) *capaz*!

2.4 Flexão de *capaz* e da cópula

Em usos não-negativos, a cópula que acompanha *capaz* pode sofrer flexão em número e em tempo. Em sentenças pessoais, como em (19), a cópula se flexiona em pessoa e número, concordando com o

sujeito. Nesses casos, o *capaz* não-negativo também pode sofrer flexão de número.

(19) Eles *são capazes* de fazer isso. (uso não-negativo)

Mesmo em sentenças impessoais, em que se mantém na terceira pessoa singular por *default*, a cópula ainda pode se flexionar em tempo, como em (20).

(20) a. *Era* capaz de acontecer um acidente. (uso não-negativo)

b. *Seria* bem capaz de eu ir na festa. (uso não-negativo)

Por outro lado, nos usos negativos, nem *capaz* nem a cópula podem sofrer modificação em tempo, pessoa ou número, ocorrendo sempre na forma fixa *é*, como em (21) a (23).⁵

(21) **Vai ser* bem capaz que o João vai fazer esse serviço!

(22) **Seria* bem capaz que eu iria na festa da Maria!

(23) **Era capaz que* eu ia na festa da Maria!

2.5 Tempo e modo da sentença introduzida por *capaz*

No uso não-negativo, (*é*) *capaz* pode introduzir uma sentença infinitiva, como em (19)-(20), ou finita, como em (24).

(24) *É capaz* que o João *chegue* atrasado.

(‘É possível que João chegue atrasado’)

⁵ À primeira vista, as construções com a expressão *é capaz que* se assemelham superficialmente às sentenças clivadas, por sua estrutura “é X que...”, mas o caráter fixo da cópula que acompanha *capaz* mostra uma diferença significativa entre os dois tipos de estruturas sintáticas. As sentenças clivadas permitem alguma variação, ainda que limitada, na forma da cópula, que pode se flexionar em número e em tempo.

(i) *É* João que vai pagar a conta.

(ii) *Foi* João que pagou a conta.

(iii) *Foi/foram* eles que pagaram a conta.

(iv) *Fomos* nós que pagamos a conta.

(v) *Vai ser* João que *vai pagar* a conta.

Já no uso negativo, a sentença introduzida por *capaz* sempre deve vir flexionada, como mostra (25), algo que é esperado, dada a obrigatoriedade do complementizador *que* apontada anteriormente.

- (25) A: Ouvi dizer que o João casou.
 B: Capaz que ele *casou!* (interpretação negativa)
 ('Não acredito que ele casou! Sério?!')
 B': Capaz de ele *casar/ter casado!* (interpretação não-negativa)
 ('É possível que ele case/tenha casado')

Além disso, a sentença finita introduzida pelo *capaz* não-negativo pode aparecer no modo subjuntivo, como em (24). No uso negativo, apenas o modo indicativo é permitido. A flexão subjuntiva bloqueia a interpretação negativa, como em (26).⁶

- (26) (É bem) capaz que o João *chegue* atrasado! (apenas interpretação não-negativa)

Cabe ressaltar que, nas estruturas em que o *capaz* vem acompanhado da cópula, observam-se algumas restrições quanto ao tempo da oração por ele introduzida; a interpretação negativa é favorecida pelo uso do futuro (do presente ou do pretérito) e marginal com formas do pretérito e presente, como ilustra o contraste em (27). Quando, porém, a cópula está ausente, os tempos pretérito e presente se tornam mais aceitáveis, como em (28).

- (27) a. É bem capaz que eu *vou/ia sair* com essa chuva!⁷
 b. ?? É bem capaz que eu *sai/saio* com essa chuva!

⁶ Um parecerista anônimo falante de PBG aponta que aceita a interpretação negativa com o subjuntivo. No entanto, essa interpretação é anômala tanto para a coautora do trabalho quanto para outros falantes consultados. É possível imaginar que se trate de uma questão de microvariação, ou, talvez, de algum tipo de interferência de outra gramática no julgamento do parecerista. Essa questão pode ser dirimida com a aplicação de testes de aceitabilidade com mais falantes de PBG, num momento futuro da investigação.

⁷ Os exemplos trazem formas perifrásticas, pois o futuro simples soa formal demais, contrastando com o caráter coloquial do *capaz* negativo.

- (28) a. Capaz que eu *vou/ia sair* com essa chuva!
 b. Capaz que eu *sai/saio* com essa chuva!

2.6 Tipo ou Força sentencial

Quanto ao tipo sentencial, o *capaz* negativo só pode ocorrer em sentenças declarativas matrizes. O uso em encaixadas é ou inaceitável ou bastante marginal, como em (29), que possui apenas uma interpretação afirmativa.

- (29) Eu acho/disse/conteci que é (bem) *capaz que* ele vai/vá na festa!
 (leitura não-negativa)

Além disso, o *capaz* não parece ser aceitável em interrogativas e imperativas, como mostram os exemplos em (30) e o contraste em (31).

- (30) a. É capaz que tu te mude/te muda? (leitura não-negativa)
 b. Tu acha que é capaz que tu te mude/te muda? (leitura não-negativa)
- (31) a. Não abre a porta!
 b. #*Capaz* que não abre a porta!

Por outro lado, é possível expressar proibições através do uso de *capaz* em sentenças declarativas, como em (32). Nesses casos, a interpretação de proibição é muito mais uma inferência pragmática, semelhante à que ocorre a partir da versão B'.

- (32) A: Eu vou sair.
 B: Ah, é bem capaz que tu vai sair!
 B': Ah, até parece que tu vai sair / que eu vou deixar tu sair!

Na próxima seção, compararemos o comportamento do *capaz* negativo com o de outros elementos negativos com um valor discursivo não-neutro no português brasileiro e europeu. Outras propriedades do *capaz* serão apresentadas, como resultado dessa comparação.

3 Outros marcadores negativos não-neutros

A primeira das características do *capaz* negativo é o fato de não veicular uma negação sentencial neutra, descritiva, mas precisar de um

contexto discursivo apropriado, negando um conteúdo previamente estabelecido contextualmente. Essa é uma propriedade que o *capaz* gaúcho tem em comum com outros itens negativos especiais do português e de outras línguas.

Nesta seção, para tentar compreender melhor a natureza sintática e semântica do *capaz* negativo, compararemos o seu comportamento com o de outros marcadores de negação não-neutra no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE): os que podem ser classificados como *anafóricos*, *enfáticos* ou *metalinguísticos*. Mostraremos que o *capaz* tem mais afinidade com um subconjunto dos marcadores do tipo enfático.

3.1 Marcadores negativos anafóricos

A propriedade de negação (ou afirmação) anafórica consiste em o marcador estabelecer uma relação com uma informação (geralmente proposicional) previamente disponível (explícita ou implicitamente) no contexto. São anafóricas as partículas assertivas usadas em posição pré-sentencial ou absoluta em contextos de réplica, como o *no* e *yes* do inglês (por oposição ao *not* ou *n't*) (cf. (33a)), o *non*, *oui* e *si* do francês (por oposição a *ne/pas*) e *no* e *si* do italiano (por oposição ao *non*), bem como o *não*, *sim* e *é* português (cf. (33b)) e o *no* e *sí* do espanhol⁸.

- (33) a. Yes, I did. / No, I didn't.
 b. Sim, eu fiz. / É, eu fiz. / Não, eu não fiz.

Cavalcante (2007, 2012a) aponta que, no PB, o *não* que aparece em posição pós-VP nas estruturas [não VP **não**] e [VP **não**], como em (34), difere da versão pré-verbal (interna à sentença, por vezes pronunciada *num*) por expressar uma negação anafórica, de modo semelhante às partículas pré-sentenciais em (33b). Isso faz com que essas estruturas sejam usadas tipicamente em contextos de respostas ou réplicas, de modo semelhante ao *capaz* negativo gaúcho.

⁸ Note o leitor que, em algumas línguas, como o português e o espanhol, a partícula negativa pré-sentencial e o marcador interno são homófonos. Em outras, porém, eles apresentam formas distintas, às vezes etimologicamente relacionadas ou etimologicamente independentes. No caso do português, porém, a negação interna à sentença pode ser realizada como *não*, *num* ou mesmo como *n'* (em *né* e *n'era*, por exemplo), mas a pré-sentencial, apenas como *não*.

(34) A: Você pagou a conta de luz?

B: (Não) paguei *não*.

Apesar da propriedade anafórica, o *não* pós-VP do PB e o *capaz* gaúcho possuem uma distribuição sintática bem diferente. A primeira diferença é quanto à posição final do *não* e a posição inicial de *capaz*, mas isso perde importância na medida em que, como partícula assertiva, o *não* (bem como o *sim*) também ocupa uma posição inicial. De fato, Cavalcante (2007, 2012a) defende que o *não* pré-sentencial e o final são o mesmo item, gerado em uma posição alta no sistema CP como nas representações em (35). Em sentenças como (33b)/(35a), a partícula tem escopo sobre um tópico nulo em posição de especificador, como em (35b), que retoma uma proposição prévia; em dados como (34)/(35c), o tópico é a própria sentença, que é movida para uma posição de especificador, estabelecendo uma relação spec-núcleo, como em (35d).

(35) a. Sim, eu fiz. / É, eu fiz. / Não, eu num fiz.

b. [_{AstP} Ø [_{Ast'} **sim/não/é** [_{CP} [_{TP} eu (num) fiz [_{VP}]]]]]]

c. Eu fiz sim. / Eu num fiz não.

d. [_{AstP} [_{TP} eu (num) fiz [_{VP}]]] [_{Ast'} **sim/não/é** [_{CP} [_{TP} ~~eu (num) fiz~~ [_{VP}]]]]]]]

O verdadeiro problema quanto à ordem reside no fato de que, quando antecedem a sentença, os itens assertivos não têm escopo sobre ela. A sentença à direita pode ter uma polaridade independente do valor da partícula pré-sentencial, como mostra (36), em que, ao contrário de *capaz*, o *não* pré-sentencial não consegue negar a proposição em que se encontra, mas apenas uma proposição contextualmente dada. Apenas em posição final é que o *não* anafórico possui escopo sobre a sentença.

(36) A: Você esqueceu de pagar a conta?

B: *Não*, eu paguei! (≠ ‘eu não paguei’)

B’: #*Capaz* que eu paguei! (= ‘eu não paguei’)

B’’: Paguei não. (= ‘eu não paguei’)

Outra diferença importante é que o *não* anafórico, quando pós-VP, é perfeitamente aceitável e produtivo em outros tipos sentenciais, como

as interrogativas polares e as imperativas, como mostram os exemplos em (37) e (38).⁹

- (37) A: João não veio para festa...
 B: (Você não) convidou ele *não*? (interrogativa polar)
- (38) A: Acho que vou convidar João para a festa.
 B: (Não) convide ele *não*! (imperativa)

O *não* pós-VP resiste em muitos contextos encaixados, com a estrutura [VP **não**] sendo marginal ou inaceitável em subordinadas de vários tipos, assim como o *capaz* gaúcho, mas [não VP **não**] é perfeitamente aceitável ao menos em sentenças completivas, como em (39).

- (39) João disse que *não vai viajar não*.

Como vimos na seção 2, o *capaz* negativo do PBG é inaceitável em interrogativas, imperativas e em declarativas encaixadas, mesmo completivas. Essas diferenças mostram que, apesar do caráter anafórico, o *capaz* negativo não pode ser adequadamente descrito apenas por essa propriedade. Assumimos que o *capaz* gaúcho tem um comportamento mais próximo dos marcadores negativos enfáticos, vistos na próxima seção.

3.2 Marcadores negativos enfáticos

Nessa seção, comparamos o *capaz* negativo a dois itens distintos, ao *nada* não-argumental do PB de sentenças como (40) e ao *não* pós-verbal de [não VP **não**] do PE. Ambos também possuem a propriedade anafórica básica compartilhada pelos itens da seção anterior, mas diferem

⁹ A compatibilidade do *não* pós-verbal com não-declarativas pode parecer *contraditório* com o seu *status* de item responsivo, mas mesmo nesses casos permanece o requerimento de que a pergunta ou a ordem aja como uma réplica a algum elemento contextual, como mostram os dados. Como exemplo a mais, note-se que “*Não fale com o motorista!*” é uma ordem adequada tanto em contexto neutro, de instruções gerais sendo dadas a passageiros, quanto em uma situação em que um passageiro esteja efetivamente tentando conversar com o motorista, mas “*Não fale com o motorista não!*” só soa adequada no segundo caso.

destes por também marcarem uma negação forte, entendida como uma rejeição mais expressiva ao conteúdo da sentença.¹⁰

(40) A: Você foi na academia hoje?

B: Fui *nada*!

3.2.1 O *nada* não-argumental enfático do PB

Autores como Cunha (1996, 2001) e Roncarati (1996) cogitaram que a estrutura [não VP **não**] do PB teria um valor enfático ou de “reforço da negação”;¹¹ entretanto, uma análise dos dados anteriores em (34)-(39) mostra que essa estrutura não tem valor enfático obrigatório, intrínseco. A ênfase pode ser acrescentada via prosódia, mas não faz parte da interpretação básica dessas sentenças. Por outro lado, Cavalcante (2012a, 2012b) propõe que o *nada* usado em posição não-argumental como em

¹⁰ Schwenter (2005) aponta como o termo “ênfase” costuma ser usado de modo impreciso e ser deixado sem definição explícita nos trabalhos descritivos, especialmente naqueles que relacionam alguma forma de negação à ênfase. Diante desse quadro, Cavalcante (2012b) aponta que “ênfase” nos estudos linguísticos pode ser usada nos seguintes sentidos:

- (i) processos sintáticos que destacam ou focalizam constituintes da sentença como na topicalização ou focalização por movimento ou por morfologia de foco.
- (ii) processos prosódicos que destacam constituintes, palavras ou partes de palavras por meio de focalização *in situ* via acento.
- (iii) introdução de escalas de intensidade como em sentenças exclamativas como elementos QU não-interrogativos (ex.: que dia lindo!).
- (iv) adição de elementos maximizadores ou minimizadores (ex: *um pingo de*).
- (v) o acréscimo de uma entonação mais intensa, semelhante à das exclamativas (ex.: SAIA DAQUI AGORA!!), que resulta em uma interpretação de maior comprometimento do falante com a afirmação ou negação.

Cavalcante (2012b) aponta que nenhum dos sentidos de (i) a (iv) é compatível com o que se chama de “negação enfática” e assume que muitos casos assim chamados, na verdade, não expressam ênfase de forma alguma, mas que, por outro lado, há casos reais de negação enfática, em que ocorre o que é descrito em (v).

¹¹ Mas o conceito de “ênfase” ou de “reforço da negação” nem sempre é muito claro nesses autores. Em alguns casos, parece estar relacionado, não a um comprometimento mais forte do falante com a rejeição/negação, mas simplesmente a uma visibilidade maior da negação para a identificação do valor negativo da cláusula, em função do caráter foneticamente fraco do *não* pré-verbal.

(40) é que exerce a função de marcador negativo enfático no PB (cf. também Di TULLIO, 2008 sobre o espanhol; e PINTO, 2010 sobre o português europeu). Nesses exemplos, o *nada* ocorre sem a presença do marcador negativo pré-verbal, como único elemento negativo.

Curiosamente, o *nada* enfático possui uma distribuição sintática diferente do *não* final anafórico e bastante semelhante à do *capaz* negativo. O *nada* enfático só pode ocorrer em sentenças declarativas matriciais, como em (40), sendo inaceitável em interrogativas e em imperativas, como mostram os contrastes em (41) e (42).

(41) Interrogativas

- a. (Não) teve aula hoje *não*?
- b. (Você não) convidou João pra festa *não*?
- c. *Teve aula hoje *nada*?
- d. *Convidou João pra festa *nada*?

(42) Imperativas

- a. (Não) convide ele *não*!
- b. (Não) abra a porta *não*!
- c. *Convide ele *nada*!
- d. *Abra a porta *nada*!

É interessante que uma sentença como (42d) pode ser aceitável, porém não como imperativo, mas como rejeição a uma ordem imperativa prévia, como em (43); a presença de *nada* não cria um imperativo negativo ou proibição, que seria incompatível com a continuação em que aparece um imperativo afirmativo contrastivo.¹²

(43) A: Abra a porta!

B: Abra a porta *nada*!¹³ Abra você!

¹² Sobre imperativos contrastivos, vide Cavalcante e Simioni (2015).

¹³ Nesse tipo de uso, a sequência “*abra a porta*” parece estar sendo citada (o que poderia ser representado graficamente por aspas) ao invés de efetivamente usada. Isso pode ser considerado um uso metalinguístico. Confira seção 3.3.

O *nada* enfático do PB também é inaceitável ou marginal em subordinadas, como mostram os dados em (44), em que a interpretação disponível (fortemente dependente da entonação) é a de negação da matriz e não da encaixada.

- (44) a. João descobriu que é corno *nada*!
 (‘É claro que João **não** descobriu que é corno!’)
 (≠ ‘É claro que João descobriu que **não** é corno!’)
- b. O jornalista provou que o deputado é culpado *nada*!
 (‘É claro que o jornalista **não** provou que o deputado é culpado!’)
 (≠ ‘É claro que o jornalista provou que o deputado **não** é culpado!’)

Como vimos na seção 2, o *capaz* negativo também possui essa distribuição restrita a declarativas matrizes, sendo inaceitável em interrogativas, imperativas e em declarativas encaixadas. Isso é uma evidência em favor de nossa análise do *capaz* como um tipo de marcador de negação enfática.

Outra característica importante do *nada* enfático é o fato de que não realiza concordância negativa. Muito mais do que apenas dispensar a presença de um marcador negativo pré-verbal (cf. (40)), o *nada* enfático realiza um cancelamento da negação que está presente na sentença, como mostram os exemplos em (45) e (46). Esta é uma característica inusitada, considerando que o PB é uma língua de concordância negativa. O *não* pós-VP não possui essa característica, como mostram os exemplos da seção anterior.

- (45) A: Eu não/nunca falo palavrão.
 B: Não fala palavrão *nada*! Você fala sim!
 (‘Não é verdade que você não fala palavrão!’)
- (46) A: Eu não beijei ninguém na festa.
 B: Não beijou ninguém *nada*! Eu vi que você ficou com três pessoas...
 (‘Não é verdade que você não beijou ninguém!’)

Curiosamente, essa propriedade também é compartilhada pelo *capaz* negativo gaúcho, como se pode ver nos exemplos em (47). Consideramos que o efeito de cancelamento da negação é uma propriedade intrínseca do fenômeno da negação enfática.

- (47) a. *Capaz* que o Brasil *não* vai ganhar a Copa!
 ('É claro que o Brasil vai ganhar a Copa!')
- b. *Capaz* que o Neymar *não* vai cair durante a partida!
 ('É claro que o Neymar vai cair durante a partida!')

Quanto à estrutura sintática, Cavalcante (2012a, 2012b) assume que o *nada* enfático também é gerado em uma posição alta da periferia esquerda (possivelmente a mesma do *não* anafórico, mas contendo um traço enfático adicional) e que a posição final é gerada a partir do movimento da oração para o seu especificador. Assim, ainda que na posição pós-verbal, o *nada* enfático também estaria relacionado a uma posição pré-sentencial, assim como o *capaz* negativo.

- (48) a. Fui (na academia) nada!
 b. [_{AsIP} [_{TP} fui (na academia)] [_{Ast'} **nada** [_{CP} [_{TP} ~~fui (na academia)~~]]]]
 c. Não fala palavrão nada!
 d. [_{AsIP} [_{TP} não fala palavrão] [_{Ast'} **nada** [_{CP} [_{TP} ~~não fala palavrão~~]]]]

3.2.2 O *não* pós-verbal do PE

Como vimos em 3.1 e 3.2.1, o *não* final do PB de estruturas como [não VP **não**] e [VP **não**] tem valor apenas anafórico, não enfático. Porém, no PE, segundo Martins (2010, 2012), a estrutura [não VP **não**], com dois marcadores negativos, possui um valor enfático. O *não* final de [não VP **não**] no PE teria, então, um *status* diferente da sua contraparte do PB e se aproximaria do comportamento do *nada* não-argumental do PB da seção 3.2.1 (cf. também LAMBERTI, 2014).¹⁴ Se essa análise estiver correta, o esperado é que [não VP **não**] tenha mais restrições sintáticas no PE do que no PB, o que de fato ocorre. Martins (2010, 2012) aponta que [não

¹⁴ Na literatura linguística brasileira, por muito tempo se considerou que [não VP **não**] e [VP **não**] fossem estruturas exclusivas do PB, possivelmente oriundas do contato linguístico, ausentes no PE. Dados citados por Martins (2010, 2012) mostram que as duas construções existem no PE, mas com valores diferentes das construções equivalentes do PB. Lamberti (2014) também descreve, com base em corpus e em testes de percepção, o comportamento de [não VP **não**] no PE, mas considera que a estrutura está passando por um processo de perda da propriedade enfática. Ainda assim, a autora não aponta nada sobre a expansão dessa estrutura para contextos não-declarativos e não-matrizes no PE.

VP **não**] do PE ocorre apenas em contextos matrizes, sendo inaceitável em sentenças encaixadas, como mostram os exemplos em (49).

(49) A: O Pedro disse que vendeu o carro.

B: a. O Pedro não disse que vendeu o carro *não*.

b. *O Pedro disse que não vendeu o carro *não*.

(MARTINS, 2010, p. 572)

Além disso, Martins (2012; e comunicação pessoal) afirma que, no PE, [não VP **não**] é inaceitável em qualquer sentença não-declarativa. Sentenças do PB como (37), (38), (41a-b), (42a-b) são, portanto, agramaticais no PE. Como vimos antes, esse é o mesmo padrão de comportamento exibido pelo *nada* não-argumental do PB e pelo *capaz* negativo gaúcho.

Esses dados sobre o *nada* enfático do PB e sobre o *não* enfático do PE reforçam a nossa hipótese de que o *capaz* gaúcho funciona como um marcador negativo de tipo enfático. Duas questões, porém, ainda podem trazer problemas para essa análise. Em primeiro lugar, a posição que *capaz* ocupa nas sentenças negativas é à esquerda, antecedendo a proposição a ser negada, enquanto o *nada* e o *não* enfáticos ocupam uma posição pós-verbal ou final de sentença. Isso sugere que, mesmo sendo enfático, o *capaz* pertence a um subtipo de marcadores enfáticos diferente daquele a que pertencem o marcador *nada* do PB e o *não* final do PE. É o que mostraremos na seção 4, dedicada à proposta de derivação sintática do fenômeno.

Em segundo lugar, há ainda outro tipo de marcadores não-neutros em que *capaz* poderia ser enquadrado, que possuem restrições sintáticas semelhantes. Na seção 3.3, compararemos o *capaz* gaúcho com os marcadores de negação metalinguística do PE, analisados por Martins (2010, 2012) e por Pinto (2010).

3.3 Os marcadores metalinguísticos do PE

Horn (1989) define a negação metalinguística como um mecanismo para negar ou rejeitar quaisquer aspectos de um enunciado, distintos do seu valor de verdade, como uma implicatura, sua forma gramatical ou fonética ou o tipo de registro adotado pelo falante.

... a device for objecting to a previous utterance on any grounds whatever”, “a speaker’s use of negation to signal his or her unwillingness to assert, or accept another’s assertion of, a given proposition in a given way; metalinguistic negation focuses not on the truth or falsity of a proposition, but on the assertability of an utterance (HORN, 1989, p. 363)

No exemplo (50), de Horn (1989, p. 373), o que é negado não é o evento de “encontrar uma mulher naquela noite”, mas a implicatura de que tal mulher seria uma amante do sujeito. O enunciado original, portanto, continua sendo verdadeiro. Semelhantemente, em (51), o interlocutor não nega o fato de que João seria um advogado, mas rejeita a pronúncia adotada pelo falante para a palavra “advogado”. As condições de verdade, portanto, não são o alvo da negação metalinguística.

(50) A: X is meeting a woman this evening.

B: No, he’s not (meeting a woman this evening) – he’s meeting his wife!

(51) A: João é adevogado.

B: João não é adevogado; ele é advogado!

Segundo Horn (1989), as línguas humanas não possuem marcadores negativos exclusivos para a negação metalinguística, mas utilizam para essa função os mesmos marcadores que realizam a negação neutra. Martins (2010), por outro lado, defende que o PE possui um conjunto de partículas com a função específica de codificar negação metalinguística. Seriam eles o *cá*, o *lá* e o *agora*, em usos não-locativos/não-temporais, como em (52), em que a continuação das sentenças deixa claro que a negação não afeta a veracidade da proposição original. Tais usos de *cá*, *lá* e *agora* são inexistentes no PB.¹⁵

¹⁵ O PB possui, por outro lado, um uso negativo do advérbio *lá*, restrito a alguns contextos, como nos dados abaixo, em que a função parece ser enfática e não metalinguística.

(i) Eu sei **lá**!

(ii) E ele **lá** gosta de trabalhar!?

- (52) A: Tu estás um pouco preocupado, não estás?
 B: Eu não estou um pouco preocupado. Estou morto de preocupação.
 B': Eu estou {lá/cá/agora} um pouco preocupado. Estou morto de preocupação. (MARTINS, 2010, p. 569)

Para os objetivos deste artigo, importa o fato de que a negação metalinguística tem restrições sintáticas semelhantes à negação enfática, como aponta a própria autora ao falar do [não VP **não**] enfático do PE. Os marcadores metalinguísticos do PE são, segundo Martins, aceitáveis apenas em sentenças matrizes, sendo inaceitáveis em subordinadas, como mostra o contraste em (53).

- (53) A: O Pedro disse que vendeu o carro.
 B: O Pedro disse {lá/cá/agora} que vendeu o carro.
 B': *O Pedro disse que vendeu {lá/cá/agora} o carro.

Martins (2012, c.p.) também aponta que esses marcadores só ocorrem em declarativas, nunca em interrogativas ou imperativas, diferindo assim do [não VP **não**] e do [VP **não**] do PB. Como vimos antes, essas mesmas restrições ocorrem com o *capaz* negativo gaúcho e com os marcadores de negação enfática do PB e do PE.

Além disso, ao menos o marcador *agora* pode coocorrer com a negação sentencial, mas realizando leitura de cancelamento da negação e não de concordância negativa, como mostram os exemplos em (54). Os itens *cá* e *lá* são incompatíveis com a negação de modo geral, não gerando nem concordância negativa nem dupla negação.

- (54) A: Ele não pode estar bêbado. Ele não bebe.
 B: Não bebe *agora*.
 B': *Não bebe {lá/cá}. (MARTINS, 2010, p. 573)
 (Leitura: 'Não é verdade que ele não bebe!')

Como vimos na seção anterior, essa leitura de dupla negação também é obrigatória com o *nada* enfático do PB e o *capaz* negativo gaúcho, o que levanta a pergunta geral sobre como distinguir negação enfática de negação metalinguística e a questão específica de qual é a melhor análise para o *capaz* negativo: seria este item uma instância de negação enfática ou metalinguística?

Consideramos que o critério principal de análise deve ser a negação não afetar as condições de verdade da sentença, agindo apenas sobre a assertabilidade (*assertability*) de algum outro aspecto da enunciação, como implicaturas, pressuposições (semânticas) ou a forma fonética ou gramatical.¹⁶ E o *capaz* negativo sempre realiza a inversão do valor de verdade da sentença sobre a qual tem escopo, como mostram todos os exemplos apresentados anteriormente. Sentenças com *capaz* não podem, por exemplo, expressar negação de implicaturas, como mostram os dados em (55)-(56). Uma sentença como “*Capaz que eles casaram e tiveram filhos*” é interpretada como uma negação dos dois eventos, não de uma implicatura quanto à ordem entre eles.

- (55) A: Fiquei sabendo que o João e a Maria casaram e tiveram filhos.
 B: Eles não casaram e tiveram filhos. Eles tiveram filhos e (depois) casaram.
 B’: Capaz que eles casaram e tiveram filhos!
 (‘Eu não acredito que eles casaram e que tiveram filhos!’)
 B’’: #Capaz! Eles tiveram filhos e casaram.
 B’’’: #Capaz que eles casaram e tiveram filhos. Eles tiveram filhos e (depois) casaram.
- (56) A: O Pedro é advogado.
 B: Capaz que ele é advogado!
 (‘Eu não acredito que ele é advogado’)
 B’: #Capaz que ele é advogado! Ele é advogado.

Consideramos, portanto, que o *capaz* gaúcho não é especificamente marcado para a codificação de negação metalinguística. Para isso, é importante deixar claro que o ponto principal não é a impossibilidade de se criar contextos de uso metalinguístico com esse item. Assim como os próprios marcadores negativos neutros podem ser usados

¹⁶ Com base nisso, inclusive, temos dúvida se os marcadores analisados por Martins (2010, 2012) devem ser considerados como itens especializados para a negação metalinguística. Alguns exemplos dados pela autora parecem indicar também a capacidade de negação descritiva (embora enfática), com a inversão do valor de verdade da sentença. Esse tema, porém, está além do escopo deste artigo.

metalinguisticamente na presença de um foco contrastivo, em princípio não seria impossível, em algum contexto apropriado, gerar sentenças em que o *capaz* codifique uma função metalinguística. O ponto importante é que o *capaz*, diferente dos marcadores metalinguísticos *lá*, *cá* e *agora* do PE, não é especializado para essa função, expressando, em seu uso prototípico, prioritariamente uma negação ou rejeição das condições de verdade da proposição.

Na próxima seção, apresentamos a proposta de derivação sintática das sentenças com o *capaz*, assumindo que esse item pertence a um subgrupo de marcadores enfáticos, considerados idiomáticos.

4 Análise

Assumimos que o *capaz* gaúcho é um marcador negativo do tipo enfático, semelhante (i) ao *nada* não-argumental do PB e (ii) ao *não* pós-VP que ocorre em [não VP **não**] no PE. A análise se sustenta nas condições pragmáticas associadas a seus usos e às suas restrições de distribuição sintática. Contudo, estes elementos ainda diferem quanto à posição sentencial em que ocorrem e aos elementos que os acompanham:

- (i) o *capaz* negativo aparece superficialmente em posição inicial ou pré-sentencial, enquanto o *nada* e o *não* enfáticos, mesmo que sejam gerados na periferia esquerda, necessariamente aparecem, superficialmente, em posição final.
- (ii) o *capaz* negativo coocorre opcionalmente com uma cópula (que exhibe várias restrições quanto a tempo, número e modo) e obrigatoriamente com um complementador, enquanto o *nada* e o *não* enfáticos são incompatíveis com esses elementos.

Como dar conta desses fatos? Assumimos que o *capaz* possui propriedades semelhantes a outro subgrupo de itens negativos com valor enfático, a saber, os elementos que podemos considerar como itens idiomáticos negativos,¹⁷ como *like hell* e *my eye* em (57) e (58), que

¹⁷ Expressões idiomáticas costumam ser definidas ou pela não-composicionalidade ou pela imprevisibilidade do seu significado a partir de suas partes (mesmo quando há alguma composicionalidade). Usamos aqui o termo nesse segundo sentido. Ou seja, essas expressões não são compostas por elementos negativos, apenas assumem um uso negativo em configurações sintáticas específicas.

são aptos para negar a sentença a partir de uma posição pré-sentencial periférica.

(57) A: I don't care what you say. I'm going to that party!

B: *Like hell* you are!

(‘Não mesmo, você não vai de jeito nenhum!’)

(58) A: I'm going to drop out of college.

B: *My eye*, you are!

(‘Não mesmo, você não vai de jeito nenhum!’)

O *capaz* gaúcho ainda tem com tais itens a semelhança quanto ao sabor idiomático, no sentido de ser também um item não-negativo que assumiu um valor negativo¹⁸ em uma configuração sintática específica.¹⁹ Uma vez que o *nada* e *não* possuem traços negativos intrínsecos, isso é evidência para uma subdivisão natural da classe de elementos negativos enfáticos.

Expressões como *my eye*, *like hell* e outras semelhantes foram tratadas por alguns autores como marcadores metalinguísticos (DROZD, 2001, p. 55; MARTINS, 2010, p. 569), mas o fato é que elas podem perfeitamente realizar a negação não-metalinguística (embora ainda anafórica e contrastiva), como nos parece claro nos exemplos em (57) e (58), em que há alteração do valor de verdade das sentenças. Por isso,

¹⁸ Vide Bassi e Gorski (2014) para uma proposta da sequência de gramaticalização do *capaz*.

¹⁹ Quando se fala de itens não-negativos assumindo valores negativos em configurações sintáticas específicas, é impossível deixar de falar sobre o Ciclo de Jespersen, que descreve um processo de tal tipo ocorrendo com itens nominais ou adverbiais, como o *pas* do francês que, originalmente, correspondia ao nominal com significado de ‘passo’, mas passou a ser um elemento negativo secundário das sentenças francesas e, posteriormente, se tornou o verdadeiro marcador negativo da língua.

No entanto, o Ciclo se refere a elementos que desenvolvem um conteúdo negativo em configurações em que aparecem em posição pós-verbal e em que coocorrem com a negação pré-verbal. Não é o caso dos itens tratados aqui, pois estes não desenvolvem uma interpretação negativa a partir de uma posição necessariamente pós-verbal, mas periférica pré-sentencial, e sem a dependência de um outro item negativo.

consideramos que são elementos enfáticos, constituindo, assim, um subgrupo de marcadores enfáticos com *status* idiomático.

Em português, exemplos de itens idiomáticos que exercem uma função semelhante são *uma ova* e *vírgula*, como em (59).

- (59) a. Ele trabalhou muito *uma ova*! (‘Não é verdade que ele trabalhou muito!’)
 b. Ela pagou a conta *vírgula*! (‘Não é verdade que ela pagou a conta!’)

Curiosamente, em (59), esses itens idiomáticos aparecem em posição final, semelhantemente ao *nada* enfático, mas também podem ocorrer em posição inicial, mantendo o valor enfático. Os exemplos em (60) são de Martins (2010) para o PE e trazem um “é que” à direita de “*uma ova*”, em uma construção semelhante a uma clivada invertida (cf. nota de rodapé 5); e parcialmente semelhante aos dados do *capaz* negativo, em que a cópula pode ser omitida e, quando presente, ocorre à esquerda do item.

- (60) a. *Uma ova* é que canta bem. (PE)
 b. *Uma ova* é que ele viveu sempre em Paris. (PE)
 (MARTINS, 2010 p. 567, 573)

Também no PB, *uma ova* em posição inicial aceita (ou requer) a presença do complementador. Já a presença da cópula após *uma ova* é dispensável (ou marginal), como mostram os exemplos em (61) e (62).

- (61) *Uma ova* que eu vou te perdoar! (PB)
 (MELLO, 2009, p. 493)
- (62) A: Fica mais em conta comprar dois chopps de 500ml por 10 reais do que três chopps de 300ml pelo mesmo preço.
 B: *Uma ova* que fica mais em conta!
 Três chopps de 300ml significam três copos para lavar, três atendimentos, três deslocamentos até a mesa... Custa mais para o bar.²⁰ (PB)

²⁰ <https://bit.ly/2Naibnd> (exemplo adaptado)

No dialeto baiano, o item *aonde* também pode ser utilizado como recurso de negação marcada ou rejeição de um enunciado prévio, de modo semelhante ao *capaz* negativo, como lembram Rodrigues e Lunguinho (2018). Quando ocorre em uma oração, o *aonde* também ocupa a posição pré-sentencial, seguido por um complementador, como em (63), mas sem a presença de uma cópula.²¹

(63) A: Você vai votar em Fernando?

B: *Aonde!* (= ‘De jeito nenhum!’)

B’: *Aonde* que eu vou votar nele! (= ‘De jeito nenhum eu vou votar nele!’)

A presença do complementador pode estar relacionada à possibilidade *versus* impossibilidade de escopo do marcador enfático sobre a sentença que introduz. Assumimos que esse é o caso, ou seja, que o complementador, de algum modo, proporciona uma maior integração entre o marcador enfático pré-sentencial e oração que este antecede, tornando o escopo negativo possível.

Defendemos, então, que o *capaz* negativo gaúcho se comporta como os marcadores negativos enfáticos do tipo idiomático, como *uma ova* e *aonde*, sendo gerado em uma posição alta na periferia esquerda da sentença, de modo semelhante ao *não* anafórico e ao *nada* enfático. Outra evidência em favor dessa análise é o caso do item *ruim* que, como aponta Marcelino (2017, 2018), exibe o mesmo tipo de variação que o *capaz* registra no dialeto gaúcho, entre um valor adjetival avaliativo (mas que não resulta em negação do predicado) e um valor negativo, como em (64), adaptados de Marcelino (2018, p. 85).

(64) a. É ruim que Ana **conte** o meu segredo. (leitura avaliativa)

(‘É desagradável/mau/péssimo que Ana conte o meu segredo’)

b. É ruim que Ana **conta** o meu segredo! (leitura negativa)

(‘De jeito nenhum Ana contaria o meu segredo’)

²¹ Outra expressão em que este uso e esta estrutura com o complementador aparecem é “*ah, tá*”, em dados como em (i)-(ii), em que é claro o requerimento anafórico de rejeição de uma informação ou proposição presente no discurso prévio.

(i) *Ah, tá*, que eu vou votar nele...

(ii) *Ah, tá*, que eu vou perder meu tempo por causa disso...

É interessante que, na leitura adjetival/avaliativa, a sentença modificada por *ruim* deva aparecer no subjuntivo (ou no infinitivo). No uso de *ruim* como marcador negativo, a sentença introduzida deve aparecer no indicativo. O subjuntivo bloqueia a leitura negativa de *ruim*, assim como ocorre com o *capaz* gaúcho.

Marcelino (2017, 2018) aplica ao *ruim* (ou *é ruim*²²) negativo os testes de Cavalcante (2007, 2012a, 2012b) e de Martins (2010, 2012) com relação ao comportamento da negação anafórica, enfática e metalinguística, encontrando resultados semelhantes aos que apresentamos quanto ao *capaz*: como marcador negativo, *é ruim* só é aceitável em sentenças declarativas e matrizes, não realiza concordância negativa, mas cancela outra negação. Marcelino (2017, 2018) interpreta tais resultados como evidência de que *é ruim* codifica negação metalinguística.

Entretanto, como vários dos exemplos apresentados pela autora, como (64b) e (65), envolvem a alteração do valor de verdade das sentenças, consideramos que, assim como *capaz*, o *é ruim* também codifica negação enfática, que pode ser ou não usada metalinguisticamente em um contexto apropriado.

(65) A: Ana fez toda a atividade de casa.

B: É ruim que ela **fez** (toda a atividade)! Ela não respondeu quatro questões. (MARCELINO, 2018, p. 91)

Diante do quadro delineado até aqui sobre o comportamento do *capaz* negativo, propomos a seguinte estrutura para as sentenças com esse marcador:

(66) (É) bem capaz que eu vou na festa de Maria!

[_{ForceP} é [_{YP} (**bem**) *capaz* (mesmo) [_{Y'} [_{FinP} [_{Fin'} **que** [_{IP} eu vou [_{VP} ... na festa de Maria]]]]]]]]

Assumimos que, apesar de conter pelo menos dois elementos verbais, a cópula e o verbo do predicado negado, as estruturas com o *capaz* negativo são mono-oracionais, diferindo, por exemplo, das orações clivadas com as quais apresentam alguma semelhança superficial (cf. nota de rodapé 5). Devido à forma fixa da cópula (cf. seção 2.4), consideramos

²² Diferentemente do dialeto gaúcho, a cópula não é opcional com o *ruim* negativo.

que esta não exerce a função de núcleo de um VP, não introduzindo um evento, mas codificando o tipo ilocucionário sentencial, como núcleo de ForceP.

O primeiro argumento para essa análise é a exigência de que essas construções introduzam orações finitas, como apontado na seção 2.5. Nessa análise, o requerimento de que o complemento oracional seja finito pode ser visto como marcado em Force^o, seja quando a cópula está realizada ou quando está nula, que exigiria um FinP preenchido pelo complementador. O segundo argumento é o fato de que a cópula não pode ser negada, como mostram os exemplos em (67), em que a negação da cópula faz com que o *capaz* só possa ser interpretado como um adjetivo de possibilidade. Esse fato contrasta com o caso da cópula presente em sentenças clivadas, em que a negação é permitida, como em (68).

- (67) a. #Não é capaz que a Maria vai/vá casar.
 b. #Não é bem capaz que o imposto encarece/encareça o produto.

- (68) Negação da cópula em clivadas.
 a. É a Maria que vai casar.
 b. **Não** é Maria que vai casar.
 c. É o imposto que encarece o produto.
 d. **Não** é o imposto que encarece o produto.

A incompatibilidade do *capaz* negativo com sentenças não-declarativas e não-matrizes pode ser vista como resultado de a cópula ser o núcleo funcional de um ForceP marcado intrinsecamente como declarativo. Por essa análise, na ausência da cópula, ainda haveria um núcleo nulo com o traço declarativo, tanto nas sentenças com *capaz* quanto naquelas com outros marcadores enfáticos.

Ainda quanto à derivação proposta em (66), assumimos também que *capaz* não tem *status* de núcleo, diferentemente das partículas anafóricas do tipo *yes/no* e *sim/não* e do marcador enfático *nada*, mas sim de XP, ocupando uma posição de especificador, uma vez que pode ser intensificado pelo advérbio *bem* à sua esquerda e pelo advérbio *mesmo* à sua esquerda, como apontado na seção 2.2. É possível que a categoria em que o XP (*bem*) *capaz* se aloje seja a mesma projeção funcional que aloja os demais marcadores anafóricos e enfático. Essa análise previne a

possibilidade de movimento da sentença negada, bloqueando a posição linear pós-VP para o *capaz* negativo.

Quanto ao complementador, assumimos que ele é o núcleo de FinP e funciona como elemento que integra plenamente a estrutura de modo a permitir que *capaz* tenha escopo sobre a oração introduzida e não apenas sobre uma proposição contextual prévia.

Uma evidência em favor dessa análise vem do italiano. Poletto (2009) analisa construções em que as partículas assertivas pré-sentenciais *si* e *no*²³ introduzem orações finitas iniciadas pelo complementador *che*, como em (69).

- | | |
|------------------------------------|----------------------------|
| (69) a. <i>No che</i> non ci vado. | (Italiano regional) |
| b. <i>No che</i> non ghe vado. | (Italiano, dialeto Veneto) |
| ‘I won’t go there’ | |
| c. <i>Si che</i> ci vado. | (Italiano regional) |
| ‘I will go there indeed’ | (POLETTO, 2009, p. 41) |

Duas características dessas construções nos interessam aqui: (i) a impossibilidade de divergência entre a polaridade da partícula assertiva e da sentença introduzida, o que contrasta claramente com os casos em que o complementador não está presente (cf. seção 3.1):

- (70) A: Hai dimenticato di pagare il conto?
 ‘Esqueceu de pagar a conta?’
 B: No, l’ho pagato.
 ‘Não, eu paguei.’

(ii) o valor discursivo de ênfase ou de foco associado com essas construções, que Poletto (2009) descreve como equivalente à soma de *really* + *not*.²⁴ São duas características que essas construções do italiano

²³ O leitor deve ter em vista que a partícula assertiva negativa do italiano tem uma forma diferente do marcador negativo intra-sentencial: a primeira tem a forma *no*, e o segundo é *non*.

²⁴ Poletto (2009) aponta que essas construções do italiano possuem valor modal, codificando algum traço de modalidade associado à evidencialidade. Para um tratamento do *capaz* negativo em termos de modalidade epistêmica, confira Rodrigues e Lunguinho (2018).

têm em comum com o *capaz* gaúcho, mas que não ocorrem na ausência do complementador *che*.

Defendemos, portanto, que se trata de construções com estruturas semelhantes, em que um elemento com valor polar (intrínseco ou idiomático) em posição pré-sentencial adquire valor enfático e escopo sentencial em combinação com um complementizador com um traço de foco.

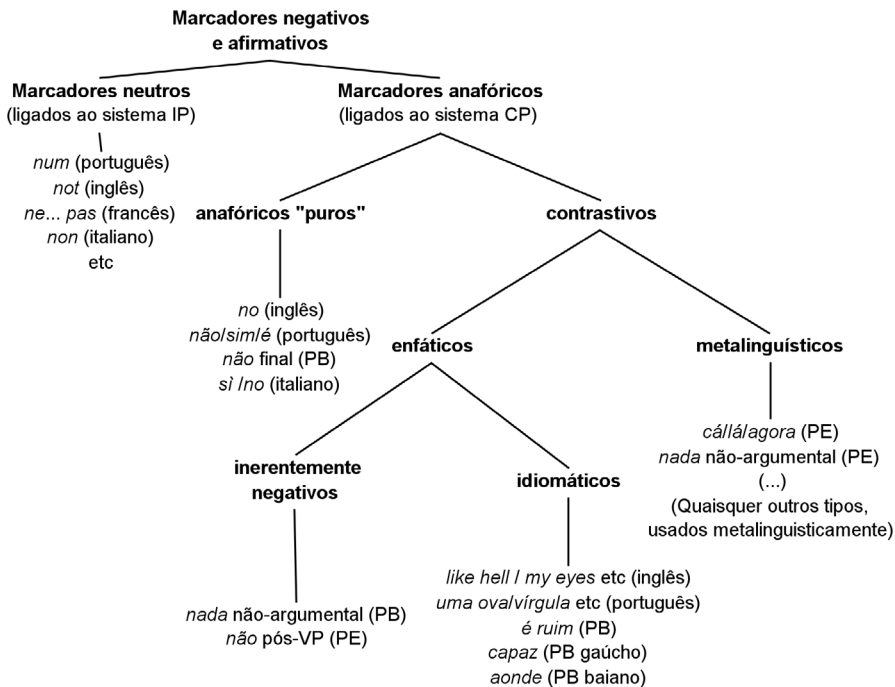
5 Conclusão

Neste artigo, descrevemos as propriedades sintáticas e semânticas do item *capaz* com valor negativo no dialeto gaúcho do português brasileiro, argumentando que se trata de um marcador negativo do tipo enfático, mais especificamente do tipo idiomático, que opera uma rejeição forte de um conteúdo previamente veiculado. Defendemos que o *capaz* é gerado em uma posição alta no sistema CP, de onde tem escopo sobre a sentença que precede.

Subjacente à nossa análise está uma classificação dos marcadores polares das línguas em duas grandes classes, a dos marcadores neutros (ligados a sistema flexional) e dos marcadores não-neutros (ou anafóricos), que dependem de um licenciamento discursivo (ligados ao sistema CP). Estes marcadores não-neutros, por sua vez, subdividem-se entre os que possuem apenas um traço anafórico e os que possuem, adicionalmente, algum tipo de valor contrastivo, que pode ser de dois tipos: os com valor enfático e (assumindo a hipótese de MARTINS, 2010, 2012) os com valor metalinguístico. Como elementos contrastivos, os marcadores enfáticos e os metalinguísticos possuem diversas propriedades em comum, mas diferem quanto à capacidade de operar a inversão da polaridade da sentença. Adicionalmente, é preciso admitir que marcadores não-contrastivos podem receber uma leitura enfática a partir de uma prosódica específica ou uma leitura metalinguística a partir de um contexto contrastivo que marque a rejeição de um elemento pragmático (cf. (50)-(51)).

A Figura 1 abaixo traz uma representação dessa tipologia.

FIGURA 1 – Tipologia dos marcadores negativos (e afirmativos) nas línguas



Fonte: própria.

Contribuição dos autores

Rerisson Cavalcante propôs a pesquisa, mas ambos os autores participaram de todas as etapas de realização da investigação, incluindo a elaboração dos testes linguísticos para descrição do fenômeno, a discussão da literatura prévia, a discussão das opções de análise dos dados e a redação do artigo.

Referências

BASSI, A.; GÖRSKI, E. M. A multifuncionalidade do item “capaz” na fala gaúcha: uma abordagem baseada no uso. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 593-622, 2014. Doi: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1409-4>

CAVALCANTE, R. *Negação pós-verbal no português afro-brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

CAVALCANTE, R. Negação enfática e negação exclamativa. In: _____. *Negação anafórica no português brasileiro: negação sentencial, negação enfática e negação de constituinte*. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012a. p. 135-239.

CAVALCANTE, R. Qual o marcador negativo enfático do português brasileiro? In: WORKSHOP INTERFACES, 2012, Campinas. Palestra apresentada. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012b. Disponível em: <<https://bit.ly/2L0umj3>>. Acesso em: 28 maio 2018.

CAVALCANTE, R.; SIMIONI, L. A ordem VS em sentenças imperativas do português brasileiro. *Revista Letrônica*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 304-315, jul.-dez. 2015.

CUNHA, M. A. F. da. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 167-89.

CUNHA, M. A. F. da. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *DELTA*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2001.

Di TULLIO, Á. L. *Palabras negativas en contexto enfático: nada, ningún*. In: CONGRESO DE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE LINGÜÍSTICA, VIII., 2008, Santa Fé. Comunicação apresentada. Santa Fé: Sociedade Argentina de Linguística, 2008.

DROZD, K. F. Metalinguistic sentence negation in Child English. In: HOEKSEMA, J.; RULLMANN, H.; SANCHEZ-VALENCIA, V.; van der WOUDE, T. (Org.). *Perspectives on negation and polarity items*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 49-78. Doi: <https://doi.org/10.1075/la.40.04dro>

HORN, L. R. *A natural history of negation*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LAMBERTI, L. *Motivações pragmáticas para o uso da dupla negação: um estudo do fenômeno no português europeu*. 2014. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LEWIS, David. Scorekeeping in a Language Game. *Journal of Philosophical Logic*, [S.l.], v. 8, p. 339-359, 1979.

MARCELINO, N. J. M. C. *Sentenças de negação com é ruim, breu, nem a pau e vírgula no português brasileiro: uma análise sintática*. 2017. Qualificação (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

MARCELINO, N. J. M. C. *Sentenças de negação com é ruim e nem a pau no português brasileiro*. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MARTINS, A. M. Negação metalinguística (lá, cá e agora). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, XXV., 2010, Lisboa. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2010. p. 567-87.

MARTINS, A. M. *The Portuguese answering system: affirmation, negation and denial*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, II., 2012, São Paulo. Minicurso ministrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

MELLO, N. C. *Conversando é que a gente se entende*. São Paulo: Texto Editores, 2009.

PINTO, C. *Negação metalinguística e estruturas com nada no português europeu*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

POLETTI, C. The syntax of focus negation. *University of Venice Working Papers in Linguistics*, Venice, v. 18, p. 181-202, 2009.

RODRIGUES, P.; LUNGUINHO, M. *Pragmaticalization in Brazilian Portuguese: the case of “capaz”*. ENCONTRO INTERNACIONAL DE SINTAXE, SEMÂNTICA E INTERFACES, 3., 2018, Florianópolis. Comunicação apresentada. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

RONCARATI, C. A negação no português falado. In: MACEDO, A. T. de; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-112.

SCHWENTER, S. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, [s.l.], v. 115, n. 10, p. 1427-1456, 2005.